

na Inglaterra declinava muito o consumo do café, o inverso se dava na sua grande colônia norte-americana. Já na última metade do século XVII, era grande o gosto do grão arábico, na Nova-Inglaterra. Aumentou imenso no século XVIII, sobretudo depois da independência dos Estados Unidos. O famoso molim do chá em Boston, precursor da guerra libertadora, como que acirrou os americanos na preferência pelo café. A intolerância do governo inglês, instigada pela ganância da Companhia das Índias Orientais Britânicas, ia tornar os Estados Unidos uma nação de bebedores de café. No decorrer do século XVIII, avolumou-se muito o número dos cafés públicos.

Importante é a citação deste trecho de Taunay porque interessa muito de perto à nossa história econômica em relação ao café.

Os primeiros pés de café aportaram ao Brasil, como é sabido, em 1727, trazidos pelo sargento-mor Francisco de Melo Palheta, natural do Paraná.

O documento mais antigo em que há referência a Palheta, este benemerito, é o "Diário" do padre Samuel Fritz. Vários missões lhe foram conferidas, sendo as mais importantes a expedição de 1722-1723, descobrimento do Madeira e vertentes, e a expedição de 1727, na qual logrou trazer da Caiena cinco pés de café e grande quantidade de sementes que lhe entregara pessoalmente madame Claude D'Orvilliers.

Prendia-se a viagem de Palheta à complicada questão de marcos divisorios. Em 1726 fôra deslocado um padrão e atirado ao mar por ordem do governador da Guiana Francesa, conde Claude d'Orvilliers. O padrão ali estava como consequência do famoso artigo 8.º do tratado de Utrecht. Tais sucessos levaram o governador e capitão general do Estado do Maranhão, João da Maya da Gama, a preparar a expedição de Palheta. Cumprida a tarefa, dirigiu-se este à capital da Guiana para entender-se com o governador Claude d'Orvilliers, e receber resposta da carta que lhe enviara João da Maya da Gama.

Consta do Regime de 20 de fevereiro de 1727, dado pelo governador do Maranhão a Palheta, no capítulo 10.º o seguinte passo: "se acouso entrar em quintal ou jardim ou Rossa ahonde houver Café com pretexto de provar alguma fructa, verá se pode esconder algum par de grãos com todo o disfarce e com toda a cautela..."

É preciso acentuar a existência de um bando do governador da Guiana, que proibia aos habitan-

tes de Caiena, a venda aos portugueses de "café capaz de nascer". Este bando fora motivado justamente em consequência da missão de Francisco de Melo Palheta.

Pela petição endereçada a D. João V, pelo sargento-mór, em 1733, é que se fica conhecendo a história da introdução do café no Brasil e que Palheta foi também cafelista no Pará.

Eis o trecho principal do importante documento: "...e vendo o Suplicante que o Governador da Cayena deitava um bando à sua chegada que ninguém desse café aos Portuguezes, capaz de nascer, se informou o Suplicante do valor daquela droga e vendo o que hera fez dellicencias por trazer algumas sementes com algum dispêndio da sua Fazenda, zeloso dos aumentos das Reaes Rendas de V. Magestade, e não só troche mil e tantas fructas que entregou aos Officiaes do Senado para que o repartissem com os moradores, como também sinco plantas, de que já hoje há muito no Estado; e como o Suplicante se acha muito falto de servos e tem mil e tantos pés de Café, e três mil de cacao, e não tem quem lhos cultive, e se acha com sinco filhos, P. a V. Magestade lhe faça mercê conceder por seu Alvará cem cazaes de escravos do Certão do Rio Negro, ou outro qualquer que se lhe oferecer, como tambem mandar se dem ao Suplicante sincoenta Índios das Aldeias de Cahabé..."

Como se vê, é a João da Maya da Gama, governador do Maranhão e a Francisco Melo Palheta, sargento-mór e capitão-tenente da guarda-costa que se deve o benefício da introdução do cafeeiro no Brasil. Ao primeiro porque preparou a bandeira de 1727, expedindo o Regimento de 20 de fevereiro de cujo capítulo 10.º consta a citada recomendação: "se acouso entrar em quintal ou jardim ou Rossa ahonde houver Café com pretexto de provar alguma fructa, verá se pode esconder algum par de grãos com todo o dislarce e com toda a cautela", e ao segundo porque desempenhou, a contento, o encargo difícil que lhe fora cometido.

Foi o desembargador João Alberto Castelo Branco, Chanceler da Redação quem mandou buscar no norte entre os anos de 1760 e 1762 as primeiras mudas plantadas na cidade do Rio de Janeiro.

Das chacaras da Guanabarra passou o cafeeiro ao interior da provincia do Rio, graças à iniciativa do Bispo D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castelo Branco que plantou em Inhauma, distribuindo mudas e sementes a varios agricultores, entre os quais ao padre Antonio Couto da Fon-

seca, de cuja propriedade agricola se estendeu a Rezende e daí ao Vale do Paraíba, criando a aristocracia rural fluminense cuja história está tão bem contada por Taunay.

E agora demos a palavra a Monteiro Lobato que em "A Onda Verde" narra o resto da historia: — "Aquele onda verde nasceu humilde em terras fluminenses. Tomou vulto, desdobrou para São Paulo e, fraldejando a Mantiqueira, veio morrer, detida pela frialdade do clima, à beira da Paulicéia.

Mas não parou. Transpôs o batizado geento e foi esparricar-se em Campinas.

Ali começou mestre Café a perceber que, estava em casa. Corredor de mundo, viajante exótico vindo d'Arábia ou d'Africa, provava pelo caminho todos os massapés e sondara todos os climas.

Franzia o nariz, porém. Veio sorrir ali, ao pisar esse Oasis da Rubidia que é o Oeste paulista. E arrancou de vez para sempre em sua casa".

Tem razão Lobato quando descrevendo a marcha verde exclama: — "Nada mais soberbo — e nada desculpa tanto o orgulho paulista — do que o mar de cafeeiros em linha, postos em substituição da floresta nativa.

E prossegue magistral: — "Polvo com milhões de tentáculos, o café rola sobre a mata e a sorve. Nada o scacia. Já comeu as zonas uber-rimas de Ribeirão Preto, Jaú, São Manoel, Araraquara, os pedaços de Ouro de São Paulo, e agora afunda os dentes na carne virgem, tressuante de seiva, do Paraná e de Mato Grosso".

Esta expansão cafeeira em São Paulo foi resultante de batalhas economicas admiravelmente descritas e estudadas pelo historiador e sociologo Alfredo Ellis Junior, num livro que é um dos trabalhos mais profundos da nossa literatura científica.

Foi ainda Ellis Junior quem afirmou esta verdade: — "Acho que a unidade nacional, esse milagre, que tem deixado muita gente estarecida e espantada, se deve ao café".

Era natural, senhores, que as classes representativas da economia paulista quisessem prestar ao Café as homenagens a que ele faz jus, por tantos benefícios trazidos a São Paulo e à nacionalidade.

Este monumento está em seu lugar, está em São Paulo, que é a "Casa do Café" como disse Lobato, está na terra opulenta em que o cafeeiro mais perfeitamente se adotou, mais magnificamente dá suas floradas magnificas e constitui a riqueza principal de um grande povo".